

HISTORIA 396
ISSN 0719-0719
E-ISSN 0719-7969
NÚMERO ESPECIAL
SPECIAL ISSUE
VOL 12 - 2022
[51-72]

RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA EM SAMOS CONTRA O GOLPE DE 411

*DEMOCRATIC RESISTANCE IN SAMOS AGAINST THE
COUP OF 411*

Breno Battistin Sebastiani
Universidade de São Paulo
sebastiani@usp.br

Resumen

Este texto examina dois pontos a partir de passos do Livro 8 de Tucídides: como se articulou a resistência democrática contra o golpe de 411 por parte dos marinheiros atenienses estacionados em Samos; e como o episódio ainda poderia auxiliar no aprimoramento de práticas democráticas contemporâneas.

Palabras clave: Tucídides, democracia, Samos, golpe de 411, Atenas.

Abstract

This text examines two points based on passages from Thucydides' Book 8: how the democratic resistance against the coup of 411 by the Athenian sailors stationed in Samos was articulated; and how the episode could still help improve contemporary democratic practices.

Keywords: Thucydides, democracy, Samos, coup of 411, Athens.

INTRODUÇÃO

Em poucos parágrafos do Livro 8 Tucídides narra os três passos que levaram Samos a uma “virada democrática” em 412: primeiro, o *demos* (com auxílio ateniense, é verdade) se revoltou e depôs a longeva oligarquia (439-412)¹. Depois, em 411 a ilha passou por um período de instabilidade política principalmente devido a uma reorganização dos oligarcas similar ao golpe então corrente em Atenas². Não muito tempo depois, porém, os sâmios restauraram sua democracia baseando-se não só na posição estratégica da

-
- 1 O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-Brasil (303439/2019-0). Este trabalho também é parte do projeto “Crises (staseis) e mudanças (metabolai). A democracia ateniense na contemporaneidade”, apoiado por CAPES (Brasil) e FCT (Portugal) (2019-2021); e também se insere no projeto do Ministerio de Ciencia y Tecnología (España) PID2020-112790GB-I00 “Pobreza, marginación y ciudadanía en Atenas clásica. Procedimientos de marginalización e integración ciudadana de sectores liminales en el sistema democrático”. A pesquisa que deu origem a este texto se iniciou em 2018 durante minha atuação como professor visitante na Univaq (Itália, 2018-2019), onde apresentei uma primeira versão em inglês. Esta conferência foi apresentada no Simposio Internacional de Estudios Griegos “Jorge González Förster”: “Tucídides. História y pensamiento político”, organizado pelo Instituto de História da Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, entre os dias 13 e 14 de setembro de 2021. Agradeço a Paulo Alfonso Donoso Johnson o gentil convite, e aos pareceristas as sugestões, que me permitiram refinar a argumentação. Problemas remanescentes são, naturalmente, de minha exclusiva responsabilidade.
 - 2 Para reconstruções históricas dos eventos cf. Ste. Croix, Geoffrey E.M. de. *The class struggle in the Ancient Greek World from the Archaic Age to the arab conquests*. Ithaca-New York, Cornell University Press, 1981, pp. 283-300. Kagan, Donald. *The fall of the athenian empire*. Ithaca-London, Cornell University Press, 1987, pp. 131-186. Ostwald, Martin. *From popular sovereignty to the sovereignty of law. Law, society and politics in Fifth-Century Athens*. Berkeley-Los Angeles-Oxford, University of California Press, 1987, pp. 358-395. Heftner, Herbert. *Der oligarchische Umsturz des Jahres 411 v. Chr. und die Herrschaft der Vierhundert in Athen. Quellenkritische und historische Untersuchungen*. Frankfurt am Main, Peterlang, 2001. Leão, Delfim. *Sólon. Ética e política*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 52-58. Raaflaub, Kurt. “Thucydides on Democracy and Oligarchy”. Tsakmakis, Antonis y Rengakos, Antonio (eds.). *Brill’s Companion to Thucydides*. Leiden-Boston, Brill, 2006, pp. 189-222. Plácido, Domingo. “Las relaciones clientelares en la evolución de la democracia ateniense”. *Circe*, Vol. 12, 2008, pp. 225-242. Osborne, Robin. *Athens and Athenian democracy*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010, p. 277. Shear, Julia. *Polis and revolution. Responding to oligarchy in classical Athens*. Cambridge, Cambridge University Press, 2011, pp. 19-69. Bearzot, Cinzia. *Come si abbatté una democrazia. Tecniche di colpo di Stato nell’Atene antica*. Roma-Bari, Laterza, 2013, pp. 42-126; Forsdyke, Sara. “The impact of Democracy on Communal Life”. Arnason, Johann P.; Raaflaub, Kurt A. y Wagner, Peter (eds.). *The greek polis and the invention of democracy*.

ilha, seu poderio material ou na coesão de seus soldados, mas principalmente em uma firme e generalizada convicção de que valores democráticos como o princípio da maioria significavam sólidos fundamentos para o aperfeiçoamento de sua situação econômica. A despeito da concisão da narrativa de Tucídides, pode-se notar que consciência política lastreada em significativa quantidade de recursos materiais foi suficiente para contrabalançar e derrotar mesmo o golpe em Atenas.

Este texto examina de que modo essa virada democrática ocorreu em Samos em estrita correlação com seus fundamentos materiais estratégicos, e também discute como tal virada contribuiu para com a reação contra o golpe oligárquico em Atenas em 411. Três trabalhos são fundamentais para a abordagem ora proposta: *Economic equality and direct democracy in Ancient Athens* (2015), de L. Patriquin, enfatiza a importância dos fatores econômicos para a existência -ou não- de uma legítima democracia. Embora não diretamente centrado na historiografia grega nem tampouco especificamente em Tucídides, a abordagem de Patriquin, entretanto, permite que melhor circunscrevamos o papel exercido por fatores econômicos no desencadeamento de golpes antigos³. *La fragilità della democrazia. Manipolazione istituzionale ed eversione nel*

A politico-cultural transformation and its interpretations. Chichester, Wiley-Blackwell, 2013, pp. 227-259. Lintott, Andrew. *Violence, revolution and civil strife in the classical city. 750-330 BC*. New York, Routledge, 2014, pp. 140-141. Tritle, Lawrence. "Democracy and war". Arnason, Johann P.; Raaflaub, Kurt A. y Wagner, Peter (eds.). *The Greek Polis and the Invention of Democracy. A politico-cultural transformation and its interpretations*. Chichester, Wiley-Blackwell, 2013, pp. 298-320. Tuci, Paolo. *La fragilità della democrazia. Manipolazione istituzionale ed eversione nel colpo di stato oligarchico del 411 a.C. ad Atene*. Milano, Led on Line, 2013. Teegarden, David. *Death to tyrants! Ancient Greek democracy and the struggle against tyranny*, Princeton-Oxford, Princeton University Press, 2014, pp. 17-30. Ober, Josiah. *The rise and fall of classical Greece*. Princeton, Princeton University Press, 2015, pp. 454-458. Pritchard, David. *Public spending and democracy in classical Athens*. Austin, University of Texas Press, 2015, pp. 98-99. Pritchard, David. "Public spending in democratic Athens". *Ancient History*, Vol. 46, 2016, pp. 30-50. Sebastiani, Breno; Leão, Delfim; Sano, Lucia; Soares, Martinho y Werner, Christian (eds.). *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. Shipley, Graham. *A History of Samos. 800-188 BC*. Oxford, Clarendon Press, 1987, pp. 113-143. Donoso, Paulo. "El uso y abuso del término óchlos en Tucídides". *Synthesis*, Vol. 27, N°2, 2020. Wolpert, Andrew. "Thucydides on the Four Hundred and the Fall of Athens". Balot, Ryan; Forsdyke, Sara y Foster, Edith (eds.) *The Oxford Handbook of Thucydides*. New York, Oxford University Press, 2017, pp. 179-191. Zumbrennen, John. "Thucydides and the Crowd". Balot, Ryan; Forsdyke, Sara y Foster, Edith (eds.) *The Oxford Handbook of Thucydides*. New York, Oxford University Press, 2017, pp. 475-489. Paiaro, Diego. "La democracia ateniense entre la estabilidad y la anarquía". *Sociedades Precapitalistas*, Vol. 8, 2018, pp. 1-17.

3 Bearzot, *Come si abbatte una democrazia*. Tuci, *La fragilità della democrazia*, por exemplo, embora centrais para minha discussão, são os casos em questão.

colpo di stato oligarchico del 411 a.C. ad Atene (2013), de P.A. Tuci, é igualmente fundamental ao demonstrar quão frágil era a democracia ateniense à época. E *The People vs. Democracy. Why our freedom is in danger and how to save it* (2018), de Y. Mounk, entrelaça dois pontos centrais -fatores econômicos e fragilidade- ao problema das intervenções populares diretas e discute como uma economia estagnada pode levar a políticas aventureiras na ausência de instituições intermediárias que garantam um mínimo de estabilidade a decisões democráticas-uma preocupação contemporânea, mas também talvez igualmente antiga. Ao focar no levante de Samos, este texto almeja contribuir com a percepção de quão frágil uma democracia pode ser mesmo quando, ou especialmente quando, legítima e autonomamente decorrente de iniciativas conscientes fundadas em recursos materiais e a despeito de tal processo ter sido originalmente motivado de fora. Num mundo como o nosso em que o populismo conservador fomentado por políticas de pós-verdade se tornaram novamente a regra, este texto espera contribuir para com uma reflexão mais ampla a respeito das possíveis bases de um paradigma de democracia mais estável, para tanto levando em consideração o que ainda se pode aprender do episódio de Samos⁴.

GOLPE E RESISTÊNCIA

A primeira indicação que Tucídides nos dá sobre o levante democrático em Samos é breve e está totalmente contida em um curto parágrafo no início do Livro 8:

“Por essa época o povo se revoltou contra os que estavam no poder em Samos junto dos atenienses, que lá estavam em três navios. O povo de Samos matou ao todo cerca de duzentos dentre os poderosos, condenou outros quatrocentos ao exílio e, em seguida, distribuiu suas terras e casas entre si. Os atenienses então votaram para conceder aos sâmios sua autonomia, considerando-os agora como aliados confiáveis, e daí em diante o povo administrou a cidade; e eles não deram aos proprietários de terras nenhuma participação adicional em nada, e proibiram

4 Sobre as diferenças entre as democracias antigas e contemporâneas, ver Petrucciani, Stefano. *Democrazia*. Torino, Einaudi, 2014, principalmente os capítulos 1-3 introdutórios.

quaisquer futuros casamentos entre eles e o povo”⁵.

O historiador qualifica o movimento como uma *ἐπανάστασις ὑπὸ τοῦ δήμου* premiada pelos atenienses com *αὐτονομίαν* devido à importância estratégica da ilha como poder aliado no Egeu. Tucídides então insiste que *ὁ δῆμος ὁ Σαμίων [...] ἀπέκτεινε*, assim reforçando a autonomia da iniciativa dos sâmios. A informação é relevante: significa que a democracia direta dos sâmios era de fato produto de vontade popular, não uma imposição de fora. Os sâmios então derubam sua longeva oligarquia (439-412), assim forjando um paradigma do tipo de recompensa a ser esperada por outros poderes eventualmente inclinados a alinhar-se com Atenas após o desastre na Sicília. Além disso, o evento também pode ser lido como um alerta indireto de que o império ateniense ainda não estava morto como muitos poderiam ter pensado. Ao contrário, se reforçava mediante a aquisição de novos aliados poderosos.

Para os propósitos deste texto, entretanto, mais significativo do que tais dados são as linhas sobre a natureza violenta e radical da democracia implantada na ilha. A iniciativa é descrita em termos de assassinatos, exílios, redistribuições de terra e exclusão de *τοῖς γεωμόροις* tanto da atividade política quando dos laços sociais com a facção popular⁶. Samos parece ter promovido um tipo de democracia estrito e abrupto, tornando-se a ilha uma democracia radical na qual a mudança política promovida por iniciativa coletiva implicou em reequilíbrio político ao preço, porém, de diversas medidas de restrição social. Recorrendo-se à tipologia aristotélica que se lê na *Política*, o que ocorreu em Samos apresenta traços da última forma de democracia descrita como aquela em que predomina “a multidão e não a lei”; multidão essa que se torna despotica em relação “aos melhores cidadãos” via de regra por influxo daqueles

5 Th. 8.21. Todas as traduções são de minha autoria exceto quando indicado o contrário. Sobre a dificuldade de se compreender o que exatamente teria ocorrido em Samos ainda são indispensáveis os comentários de Gomme, Arnold; Andrewes, Antony y Dover, Kenneth (eds.). *A Historical Commentary on Thucydides. Book VIII*. Vol. 5. Oxford, Clarendon Press, 1981, pp. 44-49, e os de Hornblower, Simon. *A Commentary on Thucydides. Books 5.25-8.109*. Vol. 3. Oxford, Oxford University Press, 2008, pp. 808-809.

6 Sobre os vocábulos e modos segundo os quais Tucídides se refere a multidões cf. Saïd, Suzanne. “Thucydides and the Masses”. Tsakmakis, Antonis y Tamiolaki, Melina (eds.). *Thucydides between History and Literature*. Berlin-Boston, De Gruyter, 2013, pp. 199-224.

que, designados pejorativamente como demagogos⁷, promovem formas de redistribuição econômica⁸. No passo tucidideano, por sua vez, não há menção a demagogos, nem a remuneração para exercício de funções públicas, nem juízos de valoração ética; o foco está na agência popular autônoma, isto é, na tomada de poder pelo povo e na redistribuição econômica que se seguiu, no apoio dos atenienses à iniciativa e na consolidação de uma aliança ao menos entre as porções democráticas de ambas as cidades.

Em 411 Samos sofre uma tentativa, da parte de seus oligarcas, de restaurar o antigo regime. Por acreditar que Alcibíades⁹ seria capaz de derrubar a democracia em Atenas, retornar à cidade e, conseqüentemente, atrair o auxílio de Tissafernes,

“por iniciativa própria, os trierarcas atenienses em Samos e as figuras mais poderosas de lá empenhavam-se em destruir a democracia.

Esse movimento começou no acampamento e depois se espalhou dali para Atenas. Alguns homens vieram de Samos e discutiram com Alcibíades, que tencionava tornar primeiro

-
- 7 4.1292a4-30, 6.1319b1-19. Outro exemplo de democracia radical segundo essa tipologia pode ser entrevisto na própria Atenas pós 462 (Ath.pol.26): Weil, Raymond. “Philosophie et histoire. La vision de l’histoire chez Aristote”. Starkm, Rudolf; Allan, Donald; Aubenque, Pierre; Moraux, Paul; Weil, Raymond; Aalders, G.J.D. y Gigon, Olof. *La “Politique” d’Aristote. Sept exposés et discussions*. Genève, Fondation Hardt, 1965, pp. 159-189, p. 172. Chambers, Mortimer. “Aristotle’s ‘Forms of Democracy’”; p. 33 matiza o problema da definição do “início” da fase radical da democracia ateniense, ao questionar se teria começado “in 462 with the Ephialtic reforms, or after 450 with the supremacy of Pericles, or after 429 with his death and the rise of his political successors?”. Sobre o mesmo argumento, veja-se também Cartledge, Paul. *Democracy. A life*. Oxford, Oxford University Press, 2016, pp. 17 e 65. Musti, Domenico. *Demokratía. Origine di un’idea*. Roma-Bari, Laterza, 2018, pp. 178-182. Pazè, Valentina. “La democrazia degli antichi, la democrazia dei moderni”. *Questione giustizia*, Vol. 5, 2012, pp. 43-56, pp. 46-48. Jordovic, Ivan. “Aristotle on Extreme Tyranny and Extreme Democracy”. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Vol. 60, 2011, pp. 36-64, por sua vez, esmiúça múltiplas possibilidades de compreensão do “quarto tipo” de democracia descrito pelo filósofo na Política.
- 8 6.1320a5-16 e, em particular, 5.1304b19-1305a7, em que são descritos diversos anadasmoi (lit. tas ousias anadastous poiountes [scil. os demagogos]) promovidos em Cós, Rodes, Heracleia, Mégara e Cumas. O filósofo se limita, porém, a indicar a atividade de demagogos como causa de metabolai sem, contudo, descer às razões pelas quais tais ditos demagogos fizeram o que fizeram -questão central para se compreender se não o quê, ao menos o sentido do que ocorreu em Samos, ainda que em Tucídides não haja menção a demagogos.
- 9 Sobre a representação tucidideana da trajetória política de Alcibíades cf. Forde, Steven. *The ambition to rule. Alcibiades and the politics of imperialism in Thucydides*. Ithaca-London, Cornell University Press, 1989.

Tissafernes e depois o rei seus aliados, desde que não fossem governados como uma democracia (mostrando-se assim mais confiáveis ao rei). Esse grupo de cidadãos mais poderosos começou a nutrir grandes esperanças, supondo que eles -aqueles que estavam passando por mais dificuldades- iriam agora assumir o controle dos negócios em suas próprias mãos e também venceriam os inimigos. Retornando a Samos, eles começaram a arregimentar indivíduos os mais predispostos a uma conspiração, dizendo abertamente ao povo que o rei seria um amigo deles e forneceria dinheiro se Alcibíades retornasse a Atenas e eles não fossem governados como uma democracia. A massa das tropas, quaisquer que fossem suas insatisfações imediatas com essas negociações, ficou quieta por causa da pronta perspectiva de pagamento do rei; aqueles que estavam tentando estabelecer uma oligarquia, depois de terem passado esta mensagem à multidão, voltaram a examinar as propostas de Alcibíades entre si e na confraria mais ampla de seus membros”¹⁰.

Além do fato significativo de que o golpe oligárquico iniciou-se (ἐκινήθη) em Samos e dali se alastrou para Atenas; e de que novamente derivou de uma iniciativa coletiva coordenada, uma vez mais a informação trazida pelo excerto gira em torno de fatores econômicos: a intenção de καταλύσαι τὴν δημοκρατίαν por parte dos οἱ δυνατώτατοι τῶν πολιτῶν se baseia em uma tentativa de persuadir a multidão de soldados de que o Rei χρήματα παρέξει. Por um momento a promessa pareceu convincente-διὰ τὸ εὐπορον τῆς ἐλπίδος τοῦ παρὰ βασιλέως μισθοῦ [a multidão] ἠσύχαζεν. A iniciativa dos soldados, entretanto, estava fadada a ser rapidamente neutralizada em um movimento que pode ser reconstituído em três momentos. *Primeiro*,

“por essa época ou um pouco antes, a democracia foi derrubada em Atenas. Quando os embaixadores junto de Pisandro chegaram em Samos após reunir-se com Tissafernes, não só fortaleceram ainda mais seu domínio sobre o exército, como também instaram os homens mais poderosos de Samos a trabalhar com eles para tentar estabelecer lá uma oligarquia, apesar do fato de que os sâmios acabavam de se revoltar para evitar serem gover-

10 Th. 8.472-48.3.

nados por uma oligarquia”¹¹.

Tucídides apresenta o papel e a importância de iniciativas coletivas coordenadas como algo cada vez mais relevante. E continua a qualificar a revolta popular de Samos com o mesmo verbo incisivo empregado em 8.21, dado que a luta ainda estava em curso: como ἐπαναστάντας contra um eventual golpe oligárquico. A iniciativa de Samos tem caráter preventivo e o golpe de 411 coloca dilemas para os poderosos da ilha: alguns preferiram manter os vínculos com os antigos *hegemones* (alinhando-se, portanto, com a facção oligárquica), enquanto o restante manteve as convicções democráticas e apoiou a maioria dos habitantes, conforme Tucídides narra no passo seguinte (8.73) sem explicar, entretanto, exatamente por que razão o fizeram¹². Até o fim da Guerra do Peloponeso Samos permanecerá como a aliada mais leal de Atenas¹³.

Segundo: como nem todos os poderosos em Samos estavam inclinados para os oligarcas, a tônica do episódio recai sobre o papel desempenhado pela liderança consciente em cada um dos processos, tanto o golpe oligárquico quanto a revolução democrática. Continuarei focando no que diz respeito apenas a este último. Alguns dos democratas demonstraram uma consciência aguda sobre o que estava em jogo e agiram de acordo, de modo que a situação de novo rapidamente se transformou em uma luta aberta com consequências diretas para Atenas, agora sob o jugo dos Quatrocentos:

“já havia novos movimentos em andamento em Samos em conexão com a oligarquia, e os seguintes eventos ocorreram quase ao mesmo tempo em que os Quatrocentos se estabeleceram. ... Mas o povo estava ciente de suas intenções e alertou os generais Leão e Diomedonte (que como figuras públicas honradas pelo povo toleravam com relutância a oligarquia) e também Trasibulo e Trasilo, um trierarca, o outro um hoplita, junto com outros que se mostravam opositores do regime. Exortaram todos a não ficarem parados e assistirem enquanto eles próprios eram destruídos e Samos era afastada de Atenas, sendo que a ilha era a única razão

11 Th. 8.63.3. Para a reconstrução dos eventos que culminaram no Golpe de 411 com base em outros textos e documentos remanescentes, com destaque para Aristófanes, Lísias e a Constituição dos atenienses de Aristóteles cf. o excuro de Gomme, Andrewes y Dover (eds.), *A Historical Commentary on Thucydides. Book VIII*, pp. 184-256 e os comentários de Hornblower, *A Commentary on Thucydides. Books 5.25-8.109*, pp. 938-940.

12 Problema já notado por Finley, Moses. *Economy and society in Ancient Greece*. London, Chatto & Windus, 1981, p. 60.

13 Legon, Ronald. “Samos in the Delian League” *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Vol. 21, 1972, pp. 145-158, pp. 155-156; Cartledge, *Democracy*, pp. 148-149.

pela qual o império subsistiu unido para eles até então. Cada um dos soldados, ao ouvir o que diziam, se exortava um a um a resistir, em particular as tripulações da Páralo, formada por cidadãos atenienses livres e oponentes inveterados da oligarquia mesmo que não realizada; e Leão e Diomedonte deixaram para os sâmios alguns navios para vigilância sempre que navegassem. Assim, quando os trezentos atacaram, todas essas tripulações, especialmente os da Páralo, se reuniram em apoio e a multidão de sâmios venceu. Matararam cerca de trinta dos trezentos e puniram três com o exílio; aos demais concederam anistia e doravante conviveram com eles como concidadãos sob um governo democrático”¹⁴.

O movimento se iniciou com a consciência, por parte de Trasibulo e Trasilo, da importância estratégica da ilha como pedra angular do império ateniense (δὴ ἦν μόνον [μέχρι νῦν] ἡ ἀρχὴ αὐτοῖς ἐς τοῦτο ξυνέμεινεν). Tal consciência é tão aguda e efetivamente convertida em prática que soldados e marinheiros organizam juntos, por si próprios, sua própria assembleia democrática para decidir que medidas seriam as melhores a tomar. Então, em *terceiro* lugar, em um passo notável, equivalente a um resumo das deliberações, Tucídides reporta que

“os soldados realizaram uma assembléia durante a qual depuseram seus ex-comandantes junto com qualquer dos trierarcas de quem suspeitassem, e escolheram outros trierarcas e comandantes, dentre eles Trasibulo e Trasilo. Os homens se erguiam e se encorajavam mutuamente, dizendo que não deviam desanimar porque a cidade havia se revoltado contra eles: a minoria se separou da maioria, e eles dispunham de melhores condições, pois controlavam toda a frota e obrigariam as outras cidades do império a fazerem contribuições. Em Samos, eles também dispunham de uma cidade que de forma alguma era fraca, mas que havia chegado muito perto de tomar o controle do mar aos atenienses quando em guerra contra eles. Quanto aos inimigos, deles poderiam se defender a partir exatamente do mesmo ponto que antes. Além disso, como controlavam a frota, eram mais capazes de abastecer-se de suprimentos do que as pessoas na cidade. Por conta de estarem instalados havia tempo em Samos os atenienses controlavam o acesso ao Pireu, mas agora tinham chegado ao ponto em que, se os atenienses não estavam dispostos a devolver-lhes sua constituição, estavam mais fortemente posicionados para excluir

14 Th. 8.73.1 e 4-6.

os atenienses do mar do que o contrário. Em qualquer caso, em termos de superação das forças inimigas, a cidade podia oferecer-lhes apenas uma ajuda leve e insignificante e não lhes causava perda alguma, pois os atenienses não estavam mais em condições de enviar-lhes dinheiro -as tropas estavam se provendo- nem para oferecer bons conselhos, razão pela qual a cidade se impõe sobre seus exércitos. Os atenienses seriam culpados de abolir as leis ancestrais, enquanto eles eram os que as preservavam e tentavam fazer com que os demais também o fizessem”¹⁵.

O passo é particularmente revelador. Primeiro, pelo fato de Tucídides trazer para primeiro plano a voz da parcela majoritária da população ateniense -*thetai* marinheiros- que respondia por dois terços do efetivo da cidade, configurava a maioria dos presentes nas principais instituições que formavam a base mesma de existência da democracia, isto é, o teatro, a assembleia e os tribunais, mas que paradoxalmente não recebeu (ao menos na literatura) uma visibilidade equivalente¹⁶. Segundo, porque no âmbito institucional os marinheiros replicam alhures uma *ἐκκλησία*, a instituição políade que é o ponto nevrálgico não apenas da existência e manutenção da democracia e do império atenienses, mas que sintetiza todas as garantias de viabilidade de seu próprio agir coletivo¹⁷. O que vem a seguir é decorrência forçosa desse primeiro ato: os marinheiros são descritos como tendo uma consciência política aguda

15 Th. 8.76.2-6.

16 Loraux, Nicole. *L'invention d'Athènes, Histoire de l'oraison funèbre dans la "cité classique"*. Paris-La Haye-New York, Mouton, 1981, pp. 213-214. Pritchard, David. "The standing of sailors in democratic Athens". *Dialogues d'Histoire Ancienne*, Vol. 44, N°2, 2018, pp. 231-253, p. 235. Na literatura grega do período, o passo mais incisivo e revelador sobre a importância dos marinheiros para a manutenção da democracia e do império atenienses está no início é o parágrafo 1.2 da Constituição dos atenienses atribuída a Xenofonte, cujo autor admite explicitamente que "são eles [scil. marinheiros, pilotos, construtores de naus etc] que conferem força à cidade muito mais do que os hoplitas, nobres e aristocratas". Sobre a importância das admissões do Velho Oligarca cf. Mosconi, Gianfranco. *Democrazia e buon governo. Cinque tesi democratiche nella Grecia del V secolo a.C.* Milano, Led on Line, 2021, pp. 182-186.

17 Sobre a *ἐκκλησία* como instituição cardinal sine qua non teriam existido democracias antigas (ou mesmo outros regimes como oligarquias que se queriam passar por democracias) cf. Antholis, William. "The Imperfect Democratic Peace of Ancient Greece". Russett, Bruce (ed.). *Grasping the Democratic Peace. Principles for a Post-Cold War World*. Princeton, Princeton University Press, 1993, pp. 43-71, p. 46; Gallego, Julián. "De la democracia a la oligarquía y de la oligarquía a la democracia". Campagno, Marcelo; Gallego, Julián y García, Carlos G. (eds.). *Regímenes políticos en el Mediterráneo antiguo*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2016, pp. 153-165. Gallego, Julián. *La democracia en tiempos de tragedia. Asamblea ateniense y subjetividad política*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2003. Hornblower, *A Commentary on Thucydides. Books 5.25-8.109*, p. 977.

baseada em sua própria interpretação do princípio da maioria¹⁸ como regra de ouro da democracia, nos recursos materiais da ilha e em sua centralidade para o império, três argumentos poderosos que os levaram a lutar pela legitimidade de sua própria iniciativa de modo não mediado. Ao mesmo tempo, a liderança rápida, eficaz e democraticamente adquirida de Trasibulo e Trasilo permitiu uma gestão calma, racional e unificada de toda a situação. Trasibulo então chamou Alcibiades de volta a Samos e prometeu aos soldados a ajuda de Tissafernes (Th. 8.81). Um esforço coletivo conscientemente orientado e autonomamente baseado em seu próprio poder material foi suficientemente forte não apenas para preservar a democracia em Samos mas, ao mesmo tempo, ajudar Atenas a restaurar com o mesmo ímpeto a sua própria. Quão firmes, entretanto, eram as bases de um empreendimento tão ousado?

Tucídides não diz como funcionava a democracia sâmia após a revolução. Ele estava mais preocupado com o papel da ilha no golpe ateniense durante o ano seguinte, e sabemos por Xenofonte que Samos permaneceu alinhada a Atenas até Egos Pótamos e sua captura por Lisandro (X. *Hell.* 2.2.6 e 2.3.6). Portanto, para que possamos entender o significado principal da virada democrática de Samos, parece útil tentar elaborar ao menos uma visão geral de como ela ajudou a derrotar o golpe ateniense de 411. Em um momento em que o equilíbrio virtual entre os ricos e o resto da mão de obra livre ateniense parecia em jogo, os primeiros agiram aberta e diretamente para preservar sua própria posição¹⁹. Para eles, o sistema democrático parecia exausto e fundamentado em cobranças cujo alvo principal eram apenas eles próprios. Em 411 os conspiradores aproveitaram momentos de extrema fragilidade da cidade e exploraram a vulnerabilidade²⁰ das práticas democráticas diretas para

18 Para uma crítica contundente deste princípio como meramente aparente, porque derivado de um consenso forjado por elites que controlam a produção de persuasão, cf. Gramsci, Antonio. *Quaderni del carcere III*. Torino, Einaudi, 1975, pp. 1624-1626 (Quaderno 13, §30: “Il numero e la qualità nei regimi rappresentativi”) e Canfora, Luciano. *Critica della retorica democratica*. Roma-Bari, Laterza, 2005, “Prologo” e capítulo 9.

19 Sobre a relativa igualdade econômica na Atenas clássica como uma condição para uma democracia direta cf. Patriquin, Larry. *Economic equality and direct democracy in ancient Athens*. New York, Palgrave Macmillan, 2015. Seu livro ecoa o que já estava virtualmente implícito em considerações de E. Wood tais quais “[a]s long as direct producers remained free of purely ‘economic’ imperatives, politically-constituted property would remain a lucrative resource, as an instrument of private appropriation or, conversely, a protection against exploitation; and, in that context, the civic status of the Athenian citizen was a valuable asset which had direct economic implications. Political equality not only coexisted with, but substantially modified socio-economic inequality, and democracy was more substantive than ‘formal’.” Wood, Ellen Meiksins. *The Ellen Meiksins Wood Reader*. Editado por Patriquin, Larry. Leiden-Boston, Brill, 2012, p. 184.

20 Sobre essa noção e a correlata de “fragilidade”, cf. Tuci, *La fragilità della democrazia*, pp. 11 e 215-216.

manipulá-la²¹. A virada democrática de Samos um ano antes pôs em prática precisamente os mesmos expedientes que seriam decisivos para derrubar o golpe oligárquico em Atenas: a promoção de um novo equilíbrio social e econômico, desta vez novamente com consequências diretas e severas.

Nem durante o golpe, nem antes dele, qualquer tipo de igualdade econômica foi pressuposta em Atenas como fundamento de uma democracia direta. Quando os ricos se sentiram sob pressão, abertamente se opuseram a qualquer possibilidade de se alcançar alguma. Foi apenas a ação política consciente do resto da população que orientou a restauração de algum tipo de reequilíbrio- exatamente o que os marinheiros de Samos promoveram. A principal conclusão de L. Patriquin lida com o principal problema subjacente ao golpe: “[i]f Athenian democracy teaches anything it is that struggle for relative equality on the ‘material plane’ is essential if we are to move beyond forms of public decision-making that disproportionately benefit society’s elite. In short, economic democracy is a necessary prerequisite of political democracy. Without the former, the latter cannot exist”²² -precisamente o mesmo problema que foi temporariamente resolvido em Samos. Por outro lado, Tucídides não relata se algum critério sobre como definir um ideal relativo como a igualdade foi discutido pelos soldados ao longo da virada em Samos. Muito pelo contrário, parecia desde o início que pressupuseram uma espécie de nivelamento por baixo tomando-se a si mesmos por referência²³.

Quando a embaixada enviada pelos Quatrocentos a Samos (Th. 8.72.1) retornou a Atenas e relatou as promessas de Alcibiades de restaurar a democracia por meio dos Cinco Mil (Th. 8.86), alguns dos conspiradores se sentiram encorajados a criticar abertamente a situação. Terâmenes e Aristócrates estavam entre os que mais temiam Alcibiades e os marinheiros. A proposição de um governo moderado efetivamente nas mãos de cinco mil cidadãos é duramente criticada por Tucídides como um mero pretexto com o qual os conspiradores pretendiam retomar a liderança do *demos* sem ter de fazer caso da democracia:

21 Ibid., pp. 215-216.

22 Patriquin, *Economic Equality and Direct Democracy in Ancient Athens*, p. 82.

23 Para uma definição de igualdade cf. Bobbio, Norberto. *Destra e sinistra. Ragioni e significati di una distinzione politica*. Roma, Donzelli, 2014, pp. 179-180: “Il concetto di eguaglianza è relativo, non assoluto. È relativo almeno a tre variabili di cui bisogna sempre tener conto ogni qualvolta s’introduce il discorso sulla maggiore o minore desiderabilità, e/o sulla maggiore o minore attuabilità, dell’idea dell’eguaglianza: a) i soggetti tra i quali si tratta di ripartire i beni o gli oneri; b) i beni o gli oneri da ripartire; c) il criterio in base al quale ripartirli. In altre parole, nessun progetto di ripartizione può evitare di rispondere a queste tre domande: ‘Eguaglianza, sì, ma tra chi, in che cosa, in base a quale criterio?’”

“tal modo de falar era mero pretexto político. A maioria deles foi atraída pela ambição pessoal para um modo de comportamento que destrói qualquer oligarquia nascida de uma democracia. Desde o primeiro dia eles não apenas deixam de se considerar iguais, mas cada um julga merecer o primeiro lugar. Em uma democracia há eleições e se suporta o resultado mais facilmente, pois a derrota não advém dos pares. O que mais claramente estimulou esses homens foi a força da posição de Alcibíades em Samos e sua própria crença de que a oligarquia não seria duradoura. Cada um deles estava, portanto, lutando para se tornar líder do povo”²⁴.

Aqueles dentre os Quatrocentos que se opunham mais ferozmente a essa conduta, como Antifonte, Frínico, Pisandro e Aristarco, não hesitaram em negociar a rendição com os espartanos (Th. 8.90). O golpe então rapidamente chegou ao fim e Tucídides, que quase nunca emite julgamentos explícitos em sua própria voz autoral, narra em uma seção incomum a nomeação dos Cinco Mil seguida por uma qualificação do novo regime: “pela primeira vez ao menos durante minha existência os atenienses parece que tiveram um bom governo, com uma mistura moderada (μετρία ...ξύγκρασις) entre oligarcas e a multidão, e foi isso que primeiro resgatou a cidade de seu estado deplorável” (8.97.2)²⁵. Um (re)equilíbrio econômico foi a consequência imediata de uma revolução democrática em Samos, seguida por uma social em Atenas. Nenhuma, porém, significou necessariamente que qualquer lição foi aprendida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fragilidade associada por P. Tuci à democracia ateniense deve, portanto, ser reconsiderada de duas maneiras quando se medita sobre o episódio de Samos. Primeiro, porque a fragilidade e as suspeitas mútuas e generalizadas também são inerentes a golpes como o ateniense, contribuindo para sua

24 Th. 8.89.3-4.

25 Sobre os elementos e o caráter aristocrático da maioria das representações atenienses sobre a democracia a começar pelo Epitáfio de Péricles que se lê em Tucídides, veja-se o capítulo IV de Loraux, *L'invention d'Athènes*, pp. 175-224. Para uma visão alternativa e, sobretudo, focada na representação da democracia como ideologia, cf. Hansen, Mogens. *Was Athens a democracy? Popular rule, liberty and equality in ancient and modern political thought*. Copenhagen, The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 1989, pp. 7-8 e Hansen, Mogens. *The Tradition of Ancient Greek Democracy and its importance for the Modern Democracy*. Copenhagen, The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 2005, pp. 24-27.

ruína por dentro. Em Samos, a democracia não era a proposta frágil, mas sim forte o suficiente até para dar aos atenienses a ajuda necessária e o exemplo de como fazer frente ao golpe oligárquico, a iniciativa que foi a mais fraca precisamente por seus fins regressivos, suspeitos e secretos. Se uma democracia é facilmente manipulada e corrompida por dentro, ao mesmo tempo um povo plenamente consciente de sua força coletiva, um povo que percebe que sem redistribuição econômica nenhuma democracia pode ser criada ou sustentada de forma alguma, converte a revolução democrática no polo mais forte, especialmente quando associado a ganhos econômicos²⁶. O foco de Tuci é uma democracia quando ela já está consolidada e totalmente operacional²⁷; a virada democrática em Samos é significativa, porém, porque nela se pode testemunhar o impulso democrático em sua própria irrupção, independentemente de ter sido promovida por Atenas desde o início e mantida viva pela ajuda da cidade até o final. Em segundo lugar, e de longe o mais importante: a resistência em Atenas foi organizada desde o início de forma cooperativa por homens que rapidamente perceberam que tinham tudo a perder com a extinção da democracia e do império²⁸. Ao longo desse processo Samos desempenhou um papel decisivo. A classe independente de produtores livres -agora formada principalmente por marinheiros, a espinha dorsal da mão de obra livre da Atenas imperialista- foi a mais afetada pelas classes

26 Y. Mounk apresenta dois pontos fortes sobre as democracias contemporâneas ao concluir que “we need to reform economic policy, both domestically and internationally, to temper inequality and live up to the promise of rapidly rising living standards. A more equitable distribution of economic growth, on this vision, is not just a question of distributive justice; it is a question of political stability”. Mounk, Yasha. *The people vs. democracy. Why our freedom is in danger and how to save it*. Cambridge, Harvard University Press, 2018, p. 35 e que “[t]he best available evidence, however, seems to suggest that citizens have built up loyalty to their political system because it kept the peace and swelled their pocketbooks, not because they hold a deep commitment to its most fundamental principles. Liberal democracy, this fear suggests, has only been so dominant because it has delivered such good results.” Ibid., p. 230.

27 Tuci, *La fragilità della democrazia*, pp. 205-216.

28 Em oposição ao mito de que escravos e metecos constituíam a força de trabalho de Atenas, E. Wood observa que “the distinctive characteristic of Athenian democracy was not the degree to which it was based on dependent labour, the labour of slaves, but on the contrary, the extent to which it excluded dependence from the sphere of production, that is, the extent to which production rested on free, independent labour, to the exclusion of labour in varying forms and degrees of juridical dependence or political subjection. Athenian slavery, then, must be explained in relation to other forms of labour which were ruled out by the democracy. It should be treated not as the productive base of the democracy, but rather as a form of dependence permitted and encouraged by a system of production dominated by free and independent producers, and growing, as it were, in the interstices of that system”. Wood, *The Ellen Meikins Wood Reader*, pp. 88-89, itálicos no original.

oligárquico-aristocráticas não-trabalhadoras que favoreceram o golpe²⁹. Eles sabiam que o fim da guerra em meio a tal virada oligárquica os deixaria de fora não apenas das magistraturas políticas, mas principalmente do sustento que auferiam da própria guerra. E eles também perceberam rapidamente como encontrar seus próprios meios democráticos para neutralizar tais imposições autoritárias, violentas e excludentes: organização coletiva e ação responsável-precisamente, de novo, o que aconteceu em Samos.

Tal intervenção súbita, direta e potencialmente populista, sem qualquer garantia de um sistema cuidadosamente concebido de mediações ou freios e contrapesos, exceto o apoio ateniense, implicou, no entanto, desde o início, a própria razão de seus resultados serem tão precários e estéreis no final: assim que Atenas se rendeu a Esparta, Samos também não resistiu a ser capturada por Lisandro³⁰.

Talvez o que aconteceu em Samos possa servir como advertência útil para que repensemos também alguns princípios das democracias contemporâneas. Em tempos antigos, conspiradores costumavam assumir o poder político; hoje, o poder econômico tem um grande estoque de fantoches e cães de guarda sempre

29 “[A] conflict which expressed itself particularly in a political opposition between, on the one hand, rich citizens, who felt victimized by the democratic polis, the role it gave banausics, its redistributive function extracting funds from the rich and conferring public payments on the poor; and, on the other hand, poorer citizens who stood to gain from the institutions of the democracy, its checks on the rich and its diversion of surplus-product to subsidize the political and judicial activities of the poor”: *Ibid.*, p. 103; *itálicos no original*. Sobre o papel econômico decisivo do império ateniense para a manutenção da vida dos *thetas* e marinheiros, e sobre o império como condição fundamental para a existência da democracia ateniense cf. Finley, Moses. *Democracy Ancient and Modern*. London, The Hogarth Press, 1985, pp. 83-92; Finley, *Economy and Society in Ancient Greece*, pp. 46-53. Loraux, *L’invention d’Athènes*, p. 214. Pazè, “La democrazia degli antichi”, p. 49. Olivera, Diego. “Imperio y democracia en el pensamiento político griego”. *De Rebus Antiquis*, Vol. 8, 2018, pp. 17-43. Kallet-Marx, Lisa. “Money talks: Rhetor, demos, and the resources of the athenian empire”. Osborne, Robin y Hornblower, Simon (eds.). *Ritual, finance, politics. Athenian democratic accounts presented to David Lewis*. Oxford, Clarendon Press, 1994, pp. 227-251, pp. 235-243, que discute a imbricação entre liderança política e controle das finanças via atuação institucional, como manifesto nos exemplos de Péricles (Th. 2.13) e Diódoto (Th. 3.46). Sobre as dificuldades para se apurar em detalhe os modos de financiamento da guerra desde o século V cf. Mossé, Claude. *Politique et société en Grèce ancienne. Le “modele” athénien*. Paris, Flammarion, 1999, pp. 205-223. Sobre os modos de financiamento da democracia ateniense ao longo do século IV cf. Harding, Phillip. *Athens transformed, 404-262 BC. From popular sovereignty to the dominion of wealth*. New York-London, Routledge, 2015, pp. 84-91.

30 Cf. Mounk, *The People vs. Democracy*, pp. 162-172 para uma discussão sobre o papel das instituições mediadoras para a estabilidade de qualquer democracia e os perigos associados às soluções fáceis.

prontos a agir com eficiência em nome de uma agenda nunca abertamente declarada -golpes modernos são difíceis de personificar em um mundo voltado para o mercado global. Esses homens -antigos e modernos- sempre estiveram cientes da necessidade de reconfigurar seus contextos de modo a estabelecer o quadro no qual forjar estratégias persuasivas necessárias para legitimar suas iniciativas. O poder econômico cria seus próprios mundos simbólicos e ideológicos cuja principal preocupação é fazer aumentar a confiança do resto da população em seus representantes como os únicos homens capazes de lidar com os problemas supostamente causados pelas circunstâncias atuais, como se nenhum pano de fundo histórico tivesse qualquer relação com eles. Hoje, diferentemente dos tempos antigos, recorrer à violência aberta ou à intervenção direta não é necessariamente a primeira ou a melhor opção: é muito mais eficaz empregar essa mesma persuasão, especialmente quando apoiada por juizes e táticas jurídicas eticamente questionáveis, para eliminar oponentes e então promover o candidato *showman*. Em outras palavras: golpes contemporâneos fazem uso de instituições mediadoras em vista de seus próprios fins, ao invés de tentar abolir essas instituições e, conseqüentemente, ter de enfrentar oposição crescente. Apenas um contra-projeto bem definido, uma narrativa inovadora formada por ideais democráticos genuínos com forte apelo persuasivo análogo, pode contrabalançar iniciativas como esse tipo de golpe³¹; simplesmente enfatizar seus efeitos nocivos não tem se mostrado eficaz. Uma reação privada dessa nova aspiração condena-se a ser apenas mais um ruído parasita e enfadonho que acabará por fomentar os mesmos golpes que foi incapaz de impedir. Em 411, os líderes democráticos insistiram na retomada dos *patrioi nomoi*, a constituição ancestral ateniense. Não era um projeto totalmente novo, mas pelo menos tinha a vantagem de deixar claro quem seria prejudicado se os oligarcas triunfassem. Se hoje as alternativas de implementação parecem ser muito mais difíceis apesar das narrativas disponíveis, pelo menos suas conexões são muito mais evidentes, assim como o número de pessoas capazes de identificá-las e desafiar as que são manifestamente nocivas.

A luta pela democracia e seu necessário compromisso com o esforço coletivo e cooperativo ainda é o único caminho que conduz à justiça e à paz³² -o oposto

31 Sobre alternativas, esclarecimento de questões importantes e, em geral, muito a pensar, cf. Wood, *The Ellen Meiksins Wood Reader*, pp. 286-310.

32 Para a qualificação de 'democracia' como 'democracia liberal', isto é, como "a political system that is both liberal and democratic-one that both protects individual rights and translates popular views into public policy", uma qualificação que ponderei ao redigir este último parágrafo, cf. Mounk, Yasha. *The People vs. Democracy*, pp. 44-50.

da situação ateniense logo após o golpe. Quando viradas conservadoras e pós-verdades se combinam na realidade, nunca se separaram – é tempo de perguntar a quem a desigualdade econômica realmente beneficia e como impedir tal *kakotrophia* (lit. ‘virada do mal’, termo que Tucídides emprega para descrever a situação na Grécia após uma longa série de golpes-Th. 3.83.1), precisamente o resultado ao qual frequentemente conduzem o ceticismo, o populismo, o extremismo e a ausência de mudanças direcionadas. A virada democrática de Samos promoveu uma reforma econômica a um elevado custo social; a Atenas dos Cinco Mil lutava por um equilíbrio social, embora aparentemente preservasse antigos privilégios econômicos. Depois de meditar sobre esses movimentos e os possíveis significados que ainda podemos derivar deles, gostaria de concluir com algumas questões que considero valer a consideração de qualquer pessoa verdadeiramente interessada em propor um novo projeto democrático: primeiro, se um esforço cooperativo que visa a promoção de equilíbrio distributivo ideal que enfrente as desigualdades sociais e econômicas constituiria os andaimes de uma autonomia democrática paradigmática, utópica ou não. Em segundo lugar, se os mercados globais, ou o Estado, ou intervenções políticas diretas por parte dos cidadãos, ou qualquer outra forma de organização coletiva, como a guerra no caso de Samos e Atenas, configurariam instâncias apropriadas de mediação para promover algo como justiça social, supondo seja tal o cerne de toda democracia verdadeiramente autônoma. E, em terceiro lugar, para resumir: se alguma democracia digna de tal nome é realmente viável sem um verdadeiro esforço de reequilíbrio econômico, ou se uma constituição que não tem esse equilíbrio como sua finalidade explícita pode ser propriamente chamada de democracia. Além de equivocado, é por demais simplista rotular como demagogos (na acepção contemporânea e pejorativa) aqueles que de fato se empenham por redistribuições de caráter econômico, e igualmente qualificar como injustas suas iniciativas. Bem mais complicado e necessário é entender suas motivações e explicar as origens de toda concentração econômica e suas implicações imediatas para qualquer sociedade. As palavras de N. Bobbio permanecem mais inspiradoras do que nunca: “L’eguaglianza è un punto di arrivo. Non è, ripeto, che gli uomini siano eguali. Gli uomini devono essere eguali. L’eguaglianza non è un fatto da constatare, ma un dovere da compiere”³³.

33 Quale democrazia?, p. 46. A conferência foi pronunciada originalmente em 1959.

FONTES

- Aristotelis. *Ἀθηναίων πολιτεία*. Edición de Hans Oppermann. Leipzig, Teubner, 1968.
- Thucydides. *Historiae*. Edición de Henricus Jones S. y J.E. Powell. Oxford, Clarendon Press, 1967-1970.
- Xenophontis. *Opera omnia*. Edición de Marchant, Edgar C. Oxford, Oxford University Press, 1968.

BIBLIOGRAFIA

- Antholis, William. "The imperfect democratic peace of Ancient Greece". Russett, Bruce (ed.). *Grasping the Democratic Peace. Principles for a Post-Cold War World*. Princeton, Princeton University Press, 1993, pp. 43-71.
- Bearzot, Cinzia. *Come si abbatté una democrazia. Tecniche di colpo di Stato nell'Atene antica*. Roma-Bari, Laterza, 2013.
- Bobbio, Norberto. *Quale democrazia?* Brescia, Morcelliana, 2009.
- Bobbio, Norberto. *Destra e sinistra. Ragioni e significati di una distinzione politica*. Roma, Donzelli, 2014.
- Canfora, Luciano. *Critica della retorica democratica*. Roma-Bari, Laterza, 2005.
- Cartledge, Paul. *Democracy. A life*. Oxford, Oxford University Press, 2016.
- Chambers, Mortimer. "Aristotle's 'Forms of Democracy'". *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 92, 1961, pp. 20-36.
- Ste. Croix, Geoffrey E.M. de. *The class struggle in the Ancient Greek World from the Archaic Age to the arab conquests*. Ithaca-New York, Cornell University Press, 1981.
- Donoso, Paulo. "El uso y abuso del término óchlos en Tucídides". *Synthesis*, Vol. 27, N°2, 2020.
- Finley, Moses. *Economy and society in Ancient Greece*. London, Chatto & Windus, 1981.
- Finley, Moses. *Democracy Ancient and Modern*. London, The Hogarth Press, 1985.
- Forde, Steven. *The ambition to rule. Alcibiades and the politics of imperialism in Thucydides*. Ithaca-London, Cornell University Press, 1989.

- Forsdyke, Sara. "The impact of Democracy on Communal Life". Arnason, Johann P.; Raaflaub, Kurt A. y Wagner, Peter (eds.). *The greek polis and the invention of democracy. A politico-cultural transformation and its interpretations*. Chichester, Wiley-Blackwell, 2013, pp. 227-259.
- Gallego, Julián. *La democracia en tiempos de tragedia. Asamblea ateniense y subjetividad política*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2003.
- Gallego, Julián. "La liberación del dêmos, la memoria silenciada. Atenas, de la violencia oligárquica a la amnistía democrática". *Anales de Historia Antigua, Medieval y Moderna*, Vol. 44, 2012, pp. 11-31.
- Gallego, Julián. "De la democracia a la oligarquía y de la oligarquía a la democracia, una y otra vez: Atenas, 411-403 A.C.". Campagno, Marcelo; Gallego, Julián y García, Carlos G. (eds.). *Regímenes políticos en el Mediterráneo antiguo*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2016, pp. 153-165.
- Gomme, Arnold W.; Andrewes, Antony y Dover, Kenneth. *A Historical Commentary on Thucydides. Book VIII*. Vol. 5. Oxford, Clarendon Press, 1981.
- Gramsci, Antonio. *Quaderni del carcere III*. Torino, Einaudi, 1975.
- Hansen, Mogens. *Was Athens a democracy? Popular rule, liberty and equality in ancient and modern political thought*. Copenhagen, The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 1989.
- Hansen, Mogens. *The Tradition of Ancient Greek Democracy and its importance for the Modern Democracy*. Copenhagen, The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 2005.
- Harding, Phillip. *Athens transformed, 404-262 BC. From popular sovereignty to the dominion of wealth*. New York-London, Routledge, 2015.
- Heftner, Herbert. *Der oligarchische Umsturz des Jahres 411 v. Chr. und die Herrschaft der Vierhundert in Athen. Quellenkritische und historische Untersuchungen*. Frankfurt am Main, Peterlang, 2001.
- Hornblower, Simon. *A Commentary on Thucydides. Books 5.25-8.109*. Vol. 3. Oxford, Oxford University Press, 2008.
- Jordović, Ivan. "Aristotle on Extreme Tyranny and Extreme Democracy". *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Vol. 60, 2011, pp. 36-64.
- Kagan, Donald. *The fall of the athenian empire*. Ithaca-London, Cornell University Press, 1987.
- Kallet-Marx, Lisa. "Money talks: Rhetor, demos, and the resources of the athenian

empire": Osborne, Robin y Hornblower, Simon (eds.). *Ritual, finance, politics. Athenian democratic accounts presented to David Lewis*. Oxford, Clarendon Press, 1994, pp. 227-251.

Leão, Delfim. *Sólon. Ética e política*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2001.

Lagon, Ronald. "Samos in the Delian League": *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Vol. 21, 1972, pp. 145-158.

Lintott, Andrew. *Violence, revolution and civil strife in the classical city. 750-330 BC*. New York, Routledge, 2014 [1982].

Loroux, Nicole. *L'Invention d'Athènes. Histoire de l'oraison funèbre dans la "cité classique"*. Paris-La Haye-New York, Mouton, 1981.

Mosconi, Gianfranco. *Democrazia e buon governo. Cinque tesi democratiche nella Grecia del V secolo a.C*. Milano, Led on Line, 2021.

Mossé, Claude. *Politique et société en Grèce ancienne. Le "modele" athénien*. Paris, Flammarion, 1999.

Mounk, Yasha. *The people vs. democracy. Why our freedom is in danger and how to save it*. Cambridge, Harvard University Press, 2018.

Musti, Domenico. *Demokratía. Origine di un'idea*. Roma-Bari, Laterza, 2018.

Ober, Josiah. *The rise and fall of classical Greece*. Princeton, Princeton University Press, 2015.

Olivera, Diego. "Imperio y democracia en el pensamiento político griego": *De Rebus Antiquis*, Vol. 8, 2018, pp. 17-43.

Osborne, Robin. *Athens and Athenian democracy*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

Ostwald, Martin. *From popular sovereignty to the sovereignty of law. Law, society and politics in Fifth-Century Athens*. Berkeley-Los Angeles-Oxford, University of California Press, 1987.

Paíaro, Diego. "La democracia ateniense entre la estabilidad y la anarquía": *Sociedades Precapitalistas*, Vol. 8, 2018, pp. 1-17.

Patriquin, Larry. *Economic equality and direct democracy in ancient Athens*. New York, Palgrave Macmillan, 2015.

Pazè, Valentina. "La democrazia degli antichi, la democrazia dei moderni": *Questione giustizia*, Vol. 5, 2012, pp. 43-56.

- Petruciani, Stefano. *Democrazia*. Torino, Einaudi, 2014.
- Plácido, Domingo. "Las relaciones clientelares en la evolución de la democracia ateniense." *Circe*, Vol. 12, 2008, pp. 225-242.
- Pritchard, David. *Public spending and democracy in classical Athens*. Austin, University of Texas Press, 2015.
- Pritchard, David. "Public spending in democratic Athens." *Ancient History*, Vol. 46, 2016, pp. 30-50.
- Pritchard, David. "The standing of sailors in democratic Athens." *Dialogues d'Histoire Ancienne*, Vol. 44, N°2, 2018, pp. 231-253.
- Raaflaub, Kurt. "Thucydides on Democracy and Oligarchy." Tsakmakis, Antonis y Rengakos, Antonio (eds.). *Brill's Companion to Thucydides*. Leiden-Boston, Brill, 2006, pp. 189-222.
- Saïd, Suzanne. "Thucydides and the Masses." Tsakmakis, Antonis y Tamiolaki, Melina (eds.). *Thucydides between History and Literature*. Berlin-Boston, De Gruyter, 2013, pp. 199-224.
- Sebastiani, Breno; Leão, Delfim; Sano, Lucia; Soares, Martinho y Werner, Christian (eds.). *A poiesis da democracia*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- Shear, Julia. *Polis and revolution. Responding to oligarchy in classical Athens*. Cambridge, Cambridge University Press, 2011.
- Shipley, Graham. *A History of Samos. 800-188 BC*. Oxford, Clarendon Press, 1987.
- Teegarden, David. *Death to tyrants! Ancient Greek democracy and the struggle against tyranny*, Princeton-Oxford, Princeton University Press, 2014.
- Tritle, Lawrence. "Democracy and war." Arnason, Johann P.; Raaflaub, Kurt A. y Wagner, Peter (eds.). *The Greek Polis and the Invention of Democracy. A politico-cultural transformation and its interpretations*. Chichester, Wiley-Blackwell, 2013, pp. 298-320.
- Tuci, Paolo. *La fragilità della democrazia. Manipolazione istituzionale ed eversione nel colpo di stato oligarchico del 411 a.C. ad Atene*. Milano, Led on Line, 2013.
- Weil, Raymond. "Philosophie et histoire. La vision de l'histoire chez Aristote." Starkm, Rudolf; Allan, Donald; Aubenque, Pierre; Moraux, Paul; Weil, Raymond; Aalders, G.J.D. y Gigon, Olof. *La "Politique" d'Aristote. Sept exposés et discussions*. Genève, Fondation Hardt, 1965, pp. 159-189.

Wolpert, Andrew. "Thucydides on the Four Hundred and the Fall of Athens." Balot, Ryan; Forsdyke, Sara y Foster, Edith (eds.) *The Oxford Handbook of Thucydides*. New York, Oxford University Press, 2017, pp. 179-191.

Wood, Ellen Meiksins. *The Ellen Meiksins Wood Reader*. Editado por Patriquin, Larry. Leiden-Boston, Brill, 2012.

Zumbrunnen, John. "Thucydides and the Crowd." Balot, Ryan; Forsdyke, Sara y Foster, Edith (eds.) *The Oxford Handbook of Thucydides*. New York, Oxford University Press, 2017, pp. 475-489.

Recibido el 11 de octubre de 2021. Aceptado el 19 de abril de 2022.